A AQUISIÇÃO DA GRAFIA DAS VOGAIS ÁTONAS: UM COMPARATIVO ENTRE O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O EUROPEU

REINKE, Natália Dummer Zacher[1]; BRANDT, Alexandra Alves[1]; MIRANDA, Ana Ruth Moresco[2]

[1]Graduanda do Curso de Pedagogia/UFPel; [2]UFPel, Departamento de Ensino.
natalia.zacher@gmail.com; alexandra@mabram.com.br; ana.ruth@pq.cnpq.br

1 INTRODUÇÃO

Camara Jr. ([1970] 2009, p.41) apresenta o sistema vocálico do Português Brasileiro (PB) como um triângulo cuja base está voltada para cima e tem a vogal /a/ como vértice mais baixo. Esse sistema fonológico é constituído por sete vogais, quando em posição tônica, e por cinco quando em átona, como apresentado na Fig. 1 e na Fig. 2, respectivamente:

altas	/i/					/u/	
médias		/e/			/o/		(2° grau)
médias			/ɛ/	/ɔ/			(1° grau)
baixa				/a/			
		anterior		central	posterior		

Figura 1 – Vogais em posição tônica no português brasileiro (CAMARA JR., [1970] 2009, p.41).

altas	/i/			/u/
médias		/e/	/o/	
baixa			/a/	
	anterior	central	posterior	

Figura 2 – Vogais em posição átona no português brasileiro (CAMARA JR., [1970] 2009, p. 44).

Em posição pretônica, além da neutralização que ocorre entre as vogais médias de 1° e 2° graus, ocasionando a perda da oposição existente entre elas, podem ocorrer também fenômenos variáveis como o de Harmonia Vocálica e o de Alçamento, em que as vogais médias alternam com vogais altas, como em [m**i**'ninu] ~ [m**e**'ninu] e [b**u**'nEka] ~ [b**o**'nEka], por exemplo.

Já o sistema vocálico do Português Europeu (PE), de acordo com Mateus e d'Andrade (2000), é formado por sete vogais na posição tônica, sendo idêntico ao sistema do PB, conforme mostrado na Fig. 1. Em posição pretônica, porém, esses sistemas se diferem, sendo reduzido, no PE, a quatro vogais distribuídas em dois graus de altura (MATZENAUER e MIRANDA, 2009). As vogais altas anteriores e posteriores são alteadas, assim como a baixa central. Como pode ser visto na Fig. 3, as médias anteriores se neutralizam em [ɪ] e as médias posteriores em [**u**]. As vogais que sofrem o processo de redução podem ser omitidas na fala coloquial, como em [sɪlar] ~[slar], para 'selar', por exemplo.

/i/	/ɨ/	/u/
	/ɐ/	

Figura 3 – Vogais em posição átona no português europeu (MATZENAUER e MIRANDA, 2009).

Neste estudo, analisaremos a escrita inicial de crianças brasileiras e portuguesas que cursam as primeiras séries do ensino fundamental. Busca-se fazer um comparativo em relação à grafia das vogais nas posições pretônica, com ou sem motivação aparente, e na postônica. Este trabalho tem por objetivo identificar as semelhanças e/ou diferenças que existem na grafia das vogais átonas em textos produzidos por crianças falantes de Português Brasileiro (PB) e de Português Europeu (PE), tendo como base as diferenças existentes entre seus sistemas vocálicos.

2 METODOLOGIA

Os dados analisados neste estudo são os erros ortográficos extraídos de textos que compõem o BATALE (Banco de Texto de Aquisição da Linguagem Escrita) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas.

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, para a qual foram analisadas duas amostras constituídas por 70 textos do PE e 70 do PB produzidos por crianças de 1º a 3º anos do ensino fundamental. Os textos foram produzidos pelos alunos com a presença de pesquisadoras que propunham, com sequências de imagens, estímulos para a escrita infantil. Dos textos coletados, foram extraídas todas as grafias em que havia erros envolvendo o registro das vogais átonas, as quais foram classificadas de acordo com as categorias propostas por Miranda (2011): alçamento da vogal pretônica; alçamento da vogal pretônica por harmonia vocálica; alçamento da vogal pretônica em hipossegmentações; alçamento da vogal pretônica inicial; alçamento da vogal pretônica em hiato/ditongo.

Diferentemente do PB, no PE ocorre uma significativa redução quanto às possibilidades de vogais a serem usadas na posição átona. Por esse motivo foi preciso, para abarcar todos os dados encontrados nos textos do PE, usar uma classificação que lhe fosse própria, a saber: redução vocálica; inserção de átona; apagamento de átona. Foi necessário, ainda, acrescentar outra categoria capaz de acomodar os erros, tanto do PE como do PB, decorrentes de supergeneralização, processo considerado um marco da aprendizagem de uma regra, sendo ela empregada em contextos nos quais não se aplicaria (MENN & STOEL-GAMMON, 1997).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise dos dados destaca-se a grande diferença quanto ao número de erros envolvendo a grafia das vogais por crianças no PB e no PE. Em um montante de 195 erros, 52 foram grafados por alunos brasileiros, o que corresponde a 26,6%, sendo assim, os erros encontrados em PE ultrapassam os 70%. Diante desse resultado, é possível pensar que o tamanho dos textos, em se considerando o número de linhas, é um fator que pode estar contribuindo para que essa diferença ocorra, já que os textos das crianças portuguesas são, em média, 28,4% mais extensos que os das brasileiras, apresentando, portanto, um maior contexto para a grafia incorreta.

A Fig. 4 apresenta o resultado da computação dos erros encontrados nos textos das crianças brasileiras, distribuídos nas categorias anteriormente citadas, em que os casos de alçamento da vogal pretônica, de uma forma geral, correspondem, em números absolutos, a 41 erros.

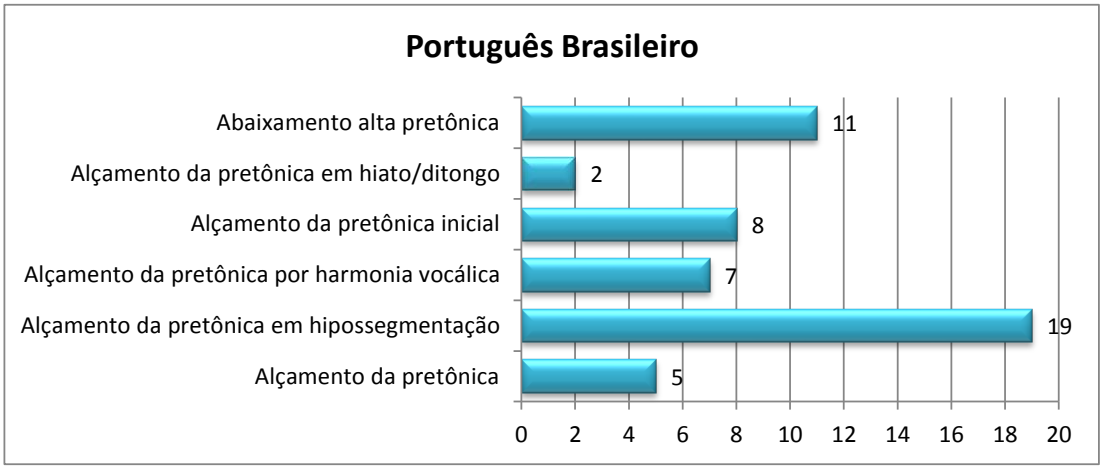

Figura 4 – Distribuição dos erros na grafia de vogais átonas por crianças brasileiras.

Entre os casos de alçamento, destaca-se o das vogais pretônicas em hipossegmentações, como exemplificado na Fig. 5, dados que correspondem a quase 50% de todos os erros de alçamento vocálico. Com relação aos casos de supergeneralização, foram encontradas 11 ocorrências de abaixamento da vogal alta pretônica, como as grafias apresentadas na Fig. 6, que correspondem, respectivamente, às palavras 'instante' e 'inocente'.

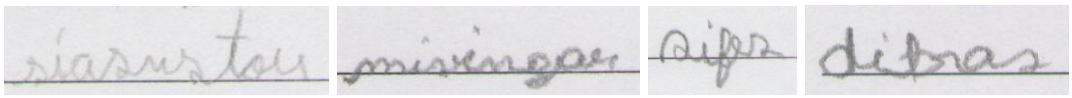

Figura 5 – Exemplos de alçamentos de vogais pretônicas em casos de hipossegmentação.

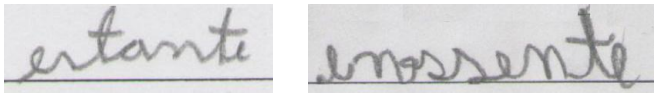

Figura 6 – Exemplos de erros decorrentes de supergeneralização.

Já no português europeu, os erros encontrados, como mostra a Fig. 7, aparecem em grande quantidade na grafia das vogais de palavras que sofrem redução e também podem sofrer apagamento na fala coloquial, como já referido. Dessa forma, palavras como 'senhor', 'floresta' e 'depois' podem ser grafadas como aparece na Fig. 8, por efeito da redução; ou, como na Fig. 9, 'obdeceu' e 'aparceu', por omissão.

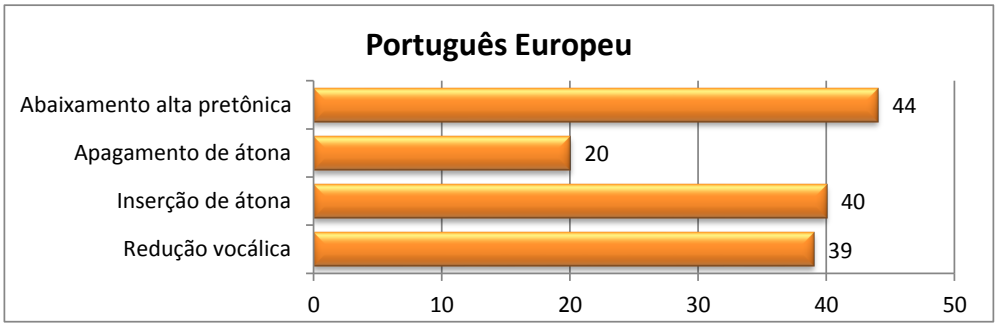

Figura 7 – Distribuição dos erros na grafia de vogais átonas por crianças portuguesas.

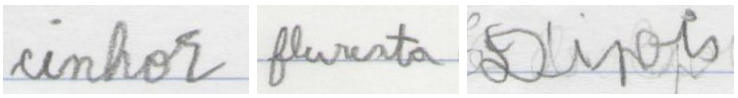

Figura 8 – Exemplos de redução vocálica.

Há processos que ocorrem na escrita portuguesa com relação à grafia de vogais átonas que não são encontrados em dados brasileiros. São os casos de inserção de vogais átonas ao final de palavras terminadas em rótica, sejam nomes ou verbos. Na Fig. 9, são apresentados dois exemplos referentes a esse processo. Já os casos de supergeneralização, assim como nos dados brasileiros, estão presentes no PE, e em grande número (mais de 30%), mostrando que as crianças fazem uso das regras que aprendem, ainda que em um primeiro momento as utilizem em contextos em que elas não se aplicam.

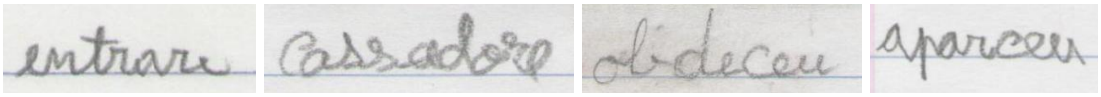

Figura 9 – Exemplos de inserção e de apagamento de vogais átonas.

4 CONCLUSÃO

Os resultados encontrados nas produções infantis revelam a influência da fonologia e da fonética na escrita de crianças falantes de uma mesma língua, porém com algumas variações em seus sistemas. Pode-se perceber que os erros na grafia das vogais átonas cometidos pelas crianças são, em alguma medida, reflexos do funcionamento do sistema fonológico de ambas as variedades.

Outro aspecto importante a ser destacado diz respeito ao número de erros envolvendo a grafia das vogais átonas nas produções brasileiras e portuguesas. Um dos fatores que pode contribuir para que haja mais erros no PE é o fato de esses textos serem mais extensos, em se considerando o número de linhas e de palavras, que os do PB, apresentando, então, uma maior probabilidade para existência da grafia equivocada. Ainda há que se pensar sobre a influência da metodologia de ensino nos dois países em análise. Talvez a dinâmica de sala de aula e os métodos de ensino possam também interferir diretamente no tamanho das produções, uma discussão que fica para desenvolvimento subsequente.

5 REFERÊNCIAS

CAMARA Jr., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MATEUS, M. H. M. e d'ANDRADE, E. **The phonology of portuguese**. Oxford University Press, 2000.

MATZENAUER, C. B.; MIRANDA, A. R. M. Traços distintivos e a aquisição das vogais no PB. In: HORA, D. (Org.). **Vogais: no ponto mais oriental das Américas**. João Pessoa: Ideia, 2009. p.45-63.

MENN, L.; STOEL-GAMMON, C. Desenvolvimento fonológico. In: FLETCHER, P.; MacWHINNEY (eds.). **Compêndio da Linguagem da Criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MIRANDA, A. R. M. As vogais pretônicas do português e os dados de aquisição da escrita. In: FERREIRA-GONÇALVES, G.; et al. (Orgs.). **Estudos em Aquisição Fonológica**. Pelotas: Ed. da UFPel, 2011. p.297-314.